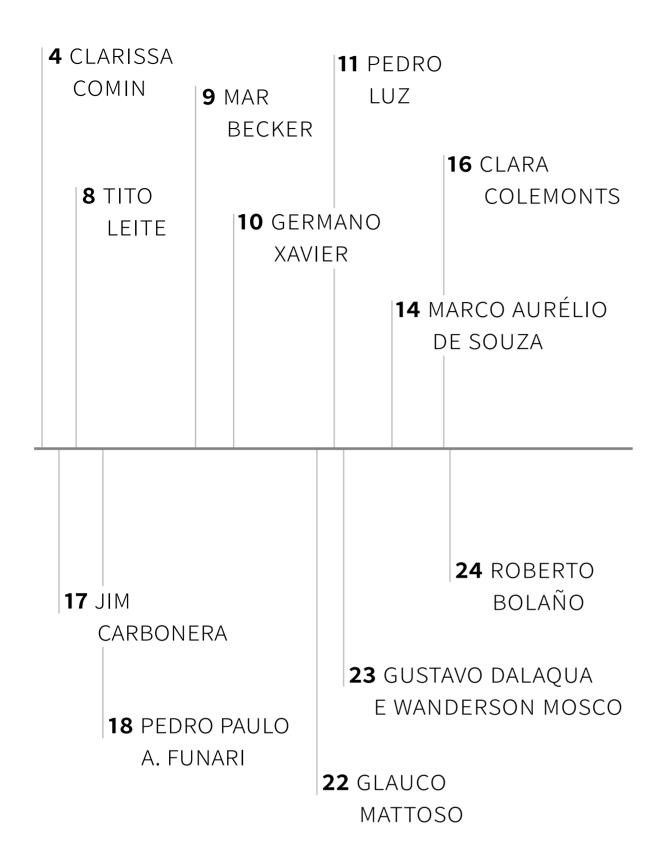
paraná - jul./2016 - ed. XI - ano VI Relev



expediente

Fundado em setembro de 2010
ISSN 2525-2704
Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Ricardo Pozzo
Ombudsman Silvio Demétrio
Revisão Mateus Ribeirete
Projeto Gráfico Marceli Mengarda
Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3500 Edição finalizada em 1/07/2016

errata

Nas edições de maio e junho, conseguimos prestar contas dos meses anteriores, conforme o combinado, e assinalar como sendo do ano anterior. Efeitos do empreendedorismo.

Editorial

1. 2525-2704.

Esta sequência de oito dígitos corresponde a uma etapa importante na trajetória de nosso periódico. Enfim, temos um ISSN (International Standard Serial Number), o código que individualiza o título de uma publicação seriada e a incorpora a uma comunidade global de produções escritas, validada em mais de 90 países. Após quase seis anos, alguns chiliques da equipe interna e do último ombudsman, iniciamos e atravessamos com galhardia os instrumentos burocráticos que nos emperravam de atingir o sucesso e ser indicado ao Globo de Ouro.

De assinantes e anunciantes. Junho foi um mês marcado por algumas desinteligências na área de assinaturas e de anunciantes. No primeiro aspecto, tretas na TL (por questões judiciais, não publicaremos o nome dos ex-assinantes e ex-anunciantes) em que a renovação de assinatura por parte do leitor foi condicionada à publicação em nossas páginas, um nítido caso de promiscuidade entre os departamentos comercial e editorial - infelizmente, em nosso jornal, defendido pela mesma pessoa, o que talvez gere certas dificuldades de compreensão. O termo laicidade nos interessa. Espírito cívico também. Sobre anunciantes, de pouco nos vale mencionar casos de empresas do segmento cultural que acreditam comprar o espírito do jornal ao investir em espaço publicitário. O que nos interessa: os anunciantes que ficam e nos auxiliam a financiar nosso mambembe pasquim, que escreve e-mails em latim (e não o vulgar). Esse quam videri.

5. E demos lucro.

Após seis anos, fechamos com algum lucro. Como se pode depreender de nossa prestação de contas, acertamos a questão do ISSN. Agora, estamos encaminhando os custos do prometido site. Temos muito a agradecer a cada um dos assinantes e anunciantes que colaboram regularmente conosco. Se, quem sabe, não estivermos mais aqui em um futuro próximo (nunca sabemos onde o tango final irá tocar), ao menos podemos dizer que sempre fomos o que quisemos em matéria de independência – seja lá o que isso queira dizer – e tivemos ao nosso lado uma confraria de esclarecidos. (Soou pedante, mas não foi, juramos, nossa intenção.)

4. Um abraço a todos.

interwebs

[/jornalrelevo

/jornal.relevo

🏏 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

Enclave, a newsletter

Acesse, Assine & Confie:

http://jornalrelevo.tumblr.com

prestação de contas jun./16

ANUNCIANTES

R\$ 300 Allejo; **R\$ 100** Penalux; Tatára; **R\$ 50** Avon; Ehlkefarma; Fisk; Loterias Avenida; Toda Letra; Torto Bar (total R\$ 800).

ASSINANTES

R\$ 50 Homero Gomes; Miriam Adelman; Germano Xavier; João Henrique Balbinot Furtado; Matheus Peleteiro; Lucas Leite; Elciana Goedert; Guilherme Gontijo Flores; Edson Valente; Alexandre Cunha; Magno Van Erven; Maximilian Rox; Adriano Smaniotto; Lis del Barco; Giovanni Guerreiro; Carla Holz; Denize FS; Yuri Campagnaro; Ivan Gambus; Marcos Franceschi; Brunno Brugnolo; Elza Oliveira Filha; Renata Garrafoni; Laís Valério Gabriel; Cláudia Sater; Matheus Chequim; Junior Bellé; Bruna de Conto; R\$ 100 Alina Prochmann (total R\$ 1400).

CUSTOS:

Gráfica **R\$ 1145**Distribuição **R\$ 150**Assinantes **R\$ 350**Papelaria **R\$ 55**ISSN **R\$ 80**

Custos totais **R\$ 1.780** Receita total **R\$ 2.200**

BALANÇO: R\$ 420

Cartas do Leitor

NA CAIXINHA

Daniel Glir: Nada como receber um excelente jornal literário todos os meses em casa e com envelope personalizado. Indico a assinatura! Ps: Para quem tem animais de estimação ou está pensando em pintar a casa, além de uma boa leitura, também serve para as mesmas coisas que os outros jornais.

ISSN - THE JOURNEY

Cristina Bresser: Parabéns por mais esta conquista! O **RelevO** não precisa de endosso, mas reconhecimento. Qualquer que seja, é sempre válido!

Marcelo De Angelis Serial number. Agora somos como que serial killers de carteirinha. Congrats.

Mateus Senna: Parecia inofensiva, mas te dominou

Rômulo Candal: Oi, boa tarde. Como faço pra passar a receber minhas edições via CD-ROM?

Rafael Gayer: Aleluia!

NEW OMBUDSMAN

Joba Tridente: Parabéns, Silvio. Jornal/revista agradável!

Devir Odradek: Belo projeto gráfico, textos muito bons, mui charmosa revista.

Mario Fragoso: Aí, Silvio, sei não, mas acho que neste tempo insano que vivemos, de repente, não foi o machado viking que lhe chegou às mãos. Pode ter sido o machado de pedra de Xangô, Orixá da Justiça. Kawó Kabiesilé!

CONTENDAS

Eder Alex: Imagina uma pessoa que exige assinar e colaborar assinando a semi-falecida Playboy?

Joseani Netto: Putz! Não se preocupem, sempre haverá bons assinantes. Os vaidosos não costumam resistir por muito tempo porque só enxergam o próprio umbigo. Avante, RelevO: RelevE!

Flávia Schiochet: Mas é muita vaidade não assinar um negócio só porque não publicou um texto seu, né?

Ben-Hur Demeneck: "Anunciar por aqui não dá ao anunciante poderes de opinar na linha editorial". Se esse

fosse o lema de nossa imprensa, o jornalismo transformaria o país. Parabéns pela coragem. Desde João do Rio, em 'O homem da cabeça de papelão', os leitores têm clareza que ser transparente e coerente é visto como um ato que contrasta com a sobrevivência nesta selva de vaidades e de interesses escusos chamada vida pública brasileira. No entanto, vocês não devem desanimar. Eu e toda a turma aqui estamos apoiando vocês em manter o **RelevO** independente e "inconsequente"! Aquele abraço.

Marco Aurélio de Souza: Esses assinam e jogam o jornal no lixo logo que ele chega em casa, todo estropiado e enxorungado: só leem quando sai o seu próprio texto, pra se certificar de que o revisor não errou o nome, o que sempre acontece (brinks). Logo, nada mais lógico do que cancelar a assinatura quando o próprio texto não sai. A situação diz muito sobre o hipotético assinante, nada sobre o jornal – fique frio. No mais, você pode oferecer a esses, quando o texto não for aprovado, um espaço na página dos anúncios, que tal? Ainda entra um dinheiro extra.

Josette Garcia: Reconheço o valor do RelevO. Por isto tenho tentado apoiar o trabalho desde que sou assinante. Bom saber nunca ter precisado escambo. Agradeço todas as vezes que fui publicada, pois não foi publicidade paga, o que só agrega valor ao trabalho de todos que têm esta honra. Tomara o peso de uma crise passageira – e todas são passageiras – não sufoque os projetos todos. As crises são perfeitas para a união e a propagação de bons ideais.

Cezar Tridapalli: Sou assinante desde o começo das assinaturas. Vou querer uma edição exclusiva só comigo, com minhas predileções gastronômicas, o que gosto de fazer nas férias, fotos das crianças na praia, essas coisas. Caso contrário, adeus, cinquentão. Teje avisado.

Severo Brudzinski: Quero capa! Três contos por semestre. Também quero desconto na próxima assinatura. Quero receber a comenda de Poeta do Ano 2016, mesmo a poesia sendo para mim uma agradável desconhecida.

Ana Paula Mira: A Toda Letra vai continuar sendo anunciante sem favor nenhum. Esse é o jornalismo em que acreditamos. Mantenham-se firmes e fortes.

Bolívar Escobar: A culpa é do revisor.

Assine

Que tal tornar-se um assinante deste jornal...... hem....

da Enclave #35:

Quem comanda o departamento de RH dos demônios? A resposta cabe à demonologia.

Se os anjos possuem uma hierarquia digna de multinacional em pleno Vale do Silício, nada mais justo do que organizar o time de vendas entre os representantes do tinhoso. Para tanto, autores diversos já propuseram suas devidas classificações, cada qual separando uma logística para agregar esse elenco de estrelas, como Lúcifer, Leviatã e um ou outro goblin sarrafeiro.

Assim, anjos maléficos foram divididos ao longo da história com base em características diferentes. No século 16, Peter Binsfeld separou um demônio por pecado capital. O Belfegor da imagem acima, por exemplo, simbolizava a preguiça, enquanto Asmodeus indicava luxúria. Ele não foi o primeiro a pensar num mapa de conceito para capirotos, tampouco o primeiro a relacioná-los aos pecados capitais. Se a ideia de sete príncipes do inferno saiu daí, não fazemos ideia.

Antes de Binsfeld, aliás, Alphonso de Spina aparentemente havia listado 133.306.688 demônios - isso em 1467. Contabilizados nesse número ridiculamente especifico estavam íncubos, goblins, espíritos familiares, cambions (filhos de humanos com íncubos) e quem sabe até eu e você, diante dessa quantidade alarmante. Até o Rei Jaime I, quando era Jaime VI, Rei da Escócia, organizou sua demonologia. Anos mais tarde, ele viria a patrocinar a tradução da Bíblia do latim para o inglês, talvez a mais popular do universo. ("Cê traiu o movimento punk!", teria comentado o clamoroso bispo Dadus Dolabellus, à época.)

São várias, váaarias as tabelas de Excel sugeridas ao (ou pelo) capeta ao longo da história – isso que nós apenas beliscamos a tradição cristã. Fica nosso empurrãozinho às trevas.

Sem Bremen

CLARISSA COMIN

Um moço sem braço deseja ir a Bremen e assim começa uma grande história.

Вгетен, Вгета, Вгетено, Вгету, Вре́цп, Бремен, ब्रेमेन, ブレーメン e variados. A despeito das pronúncias impensáveis, registra apenas um endereço: 53° 4′ 33″ N 8° 48′ 27″ Е.

O mapa da Alemanha assemelhase a um protozoário de pés falsos (não flagelado), desses que a gente experimenta na microscopia escolar. Dependendo da perspectiva, Bremen pode ser tanto vacúolo contrátil como pulsátil. Berlin, invariavelmente, é o núcleo.

Mesmo assim, o moço foi.

Com um gênio difícil, exortava os amigos ao ódio. No saguão central, às 14:30, ninguém fez conta da despedida histérica: maldizia a vida por não levar malas, puxando uma em cada braço, mas apenas mochila.

Bocejos, engasgos. Um embaraço para dar abraços, medo de fermentar-lhe a ferida (o toco restante era envolvido por uma pele translúcida e finíssima, quando ele não percebia fitávamos com atenção o ecossistema em miniatura).

Partimos.

Partiu o projétil kamikaze e sua revanche prometida.

Foi notícia, fuxico, riso, pito, troça, esbórnia, concórdia, diz que diz do bobs da vizinha até o projeto de lei barrado pela justiça – amplos direitos de abortar. De todo modo, nosso povo era de um contentamento sem tamanho. Não tanto por sermos sinceros, mas porque a convivência

com o moço – alto, branco, brasileiro nato e de ascendência birmanesa – havia se tornado insustentável e vinha prejudicando o crescimento do país.

Será que ele consegue abraçar esta oportunidade?

No outono de 1943 foi inaugurado o subcampo Bremen-Farge – filial de um outro notório, Neuengamme, em Hamburgo – onde dr. Heissmeyer brincou de Frankenstein com quatro crianças judias.

Pouso tranquilo. Vamos às revistas. O moço detestava ser contrariado. Abrindo a carteira com os dentes, jogou nos pés da imigração notas de cem e um discurso macarronesco sobre os direitos das minorias, números de emergência e conselhos de ética. Falava com uma fome varada e ninguém ousou interrompêlo. Como não havia intérprete que desse conta do recado, esperaram hipnotizados o fim do parlatório.

Todavia, não escapou do procedimento padrão. Aqui não havia exceção, a lei era para todos. Despiu-se a contragosto. Trazia uma ave de rapina tatuada no toco esquerdo e despertou os fetiches do moço metido a brigadeiro-bossa. A cocagem impertinente fez o moço sentir-se violado, feito brinquedo novo fora de caixa.

Seguiu-se nova enxurrada cacofônica.

Um molho de palavras atropelando dialetos menores – cerzidores de cânhamo precisam voltar para casa e não têm dinheiro, uma família de camponeses teve os filhos degolados no alojamento para refugiados –, mas

ele é imenso e ocupa mais espaço que o longo caminho traçado até aqui. Ele é intenso e esbravejava. Nós não sabemos dizer não.

Bremen é a décima cidade mais populosa da Alemanha. No último recenseamento, atingiu os melhores índices de qualidade de vida no país, perdendo apenas para a capital. Bremen é uma manhã sem graça de domingo, mas nos agrada por não oferecer perigo.

No bairro medieval de Schnoor, o moço recomeça a vida com o jovem brigadeiro aeronáutico. Mundo calmo de delícias e sem vaidades. Findos atritos desnecessários, agora ele passa o dia em camiseta sem manga, trabalhada em seda. Desaceleramento necessário, afinal nem as Autobahns são ilimitadas como parecem.

Um silêncio mútuo ocupava a casinha gótica, era como se eles não existissem. Salvo pelas discussões etmo-bizantinas em que se metiam madrugada adentro:

- Por que em alemão "braço" e "coitado" são a mesma palavra?
- Por que em francês eu preciso de braços para beijar?

No século XIX, dois irmãos descreveram diversos arquétipos alemães, dentre eles a história medieval de um burro, um cão, um gato e um galo, que abandonam os donos para serem livres em Bremen.

O brigadeiro fincou os dois pés no chão, lambuzou-se em demasia e perdeu o emprego, assim termina uma grande história.

Contas acumuladas, ostracismo

social e rusgas domésticas levaram nosso prussiano Ícaro às profundezas. O moço acaricia-lhe sem jeito e promete revanche, promete vitória. Ensaia novamente os discursos da chegada, acrescentando os resultados da vasta pesquisa linguística desenvolvida nos últimos anos. Grampeia certificados, cartas de recomendação, prontuários e laudos médicos, tudo na esperança de salválos do naufrágio iminente.

Confiante, ele vai. Foi.

E o que se segue não faz sentido detalhar: o moço não sabia mais falar a língua rapina dos primeiros dias. Tergiversava, empacava nos momentos difíceis e nem a raiva inflando o toco anêmico garantialhe alívio. Dessa vez os encarregados não temeram. Acolheram as queixas e protocolaram, preguiçosos, as solicitações, certos de arremessá-las longe antes da pausa-café.

Entre 1939 e 1945, a Royal Air Force lançou 12.831 bombas em Bremen, mas a última, do dia 30 de março de 1945, deixou uma Frau Leona em frangalhos, só os cotoquinhos. Anos depois, seu neto ensaiaria uma frustrada vingança, juntando-se ao exército inimigo.

O brigadeiro derretido no sofá é puro desolo e desespero.

Espera seu moço chegar e vencem juntos duas garrafas de pinga. Força do hábito e cautela, mantém-se sóbrio e leva o companheiro nos braços até a mesa de jantar. Com a serra mais bela, tinindo, talha fino um traço entre Bremen e Hamburgo.

Silvio Demétrio

O fiel

Um dos mitos mais interessantes da imprensa é o jornal "Libération", o "Libé", como carinhosamente é conhecido por seus leitores. É que em 1973 o jornal teve como um de seus fundadores a figura de Jean-Paul Sartre (ele foi seu editor durante algum tempo). A reverberação do maio de 68 ainda era muito forte e a publicação nasceu com uma alma profundamente marcada por um desejo libertário. Em sua primeira fase, não abria espaço para publicidade. Sua receita baseava-se na venda em bancas e no público assinante, equação cujo resultado qualitativo era uma independência radical em relação à condição editorial dos outros jornais. E assim o foi por quase uma década. No começo da década de 1980, o modelo arcou-se a concessões e passou a abrigar anúncios publicitários. No entanto, o mito já tinha nascido. A ideia de um jornal como uma entidade autônoma e independente. Hoje o "Libé" é um jornal convencional do ponto de vista empresarial - desde 2005 conta em seu quadro de acionistas com os 37% de Édouard de Rothschild. Sim, o Libération alimenta-se hoje de seu mito fundador.

Outro mito é a retumbante joia editorial da contracultura, a "Rolling Stone" (a americana). Nascida na florida San Francisco dos cabelos longos da década de 1960, hoje a publicação não é nem mais sombra do que foi em seus áureos dias de fúria contracultural. O que antes era independência e organicidade com as transformações culturais de

seu tempo transformou-se numa tradicional publicação gerida por um espírito empresarial que a transformou numa franchising. Sim, a convencional publicação brasileira que ostenta hoje a logo da franchising anima-se de toda essa complacência normalzinha – só lembrando a heróica luta de Luiz Carlos Maciel, nos anos 1970, publicando uma versão nossa e verdadeira da "Rolling Stone", que realmente tinha alma de pedra rolante. Maciel, o também jardineiro da Flor do Mal que Torquato Neto tanto amava.

Entupir ou não entupir, eis a contradição. Entupir de anúncios. Engasgar as páginas com a necessidade de grana. Esta parece ser a grande questão. Até onde se pode ir sem comprometer aquilo que torna uma publicação viva. Difícil balança cujo fiel oscila entre o público leitor e o público anunciante. Não se vive sem ambos, e ambos deveriam entender que não se pode excluir tanto um como o outro. O fiel dessa balança oscila entre a ameaça de derrocada de todo romantismo que peca pela falta de continuidade, assim como a sobrevivência esvaziada de crítica porque só atende aos interesses de quem está pagando pelo espaço publicitário. Jornalismo é o supremo paradoxo entre o público e o privado. Não é diferente quando o assunto é literatura e cultura em geral.

Valha-me são Pierre Bourdieu para evocar a noção de campo. O jornalismo é um campo. E, como tal, é palco de disputas simbólicas.

Qualquer resultado nesse sentido será sempre provisório. Inconstante. Instável. E isso é bom. Saudável. Editar é uma arte do equilíbrio, essa tara por atravessar precipícios a passos sustentados por barbantes. É quase voar. É necessário saber voar para além da gravidade das demandas dos dois lados da balança. É construir a confiança de que o público leitor e os anunciantes vão estar ali, sustentando um sistema sempre instável como a vida de um trapezista. É só assim que se pode ser justo tanto com quem paga pelo conteúdo quanto com quem paga pelo espaço. É certo que esse último paga mais, isto porque, para além do espaço comprado, está pagando pelo atenção do público. Esta só existe quando o jornal consegue estabelecer uma justa medida de ambos os interesses.

Ao que parece, o RelevO é uma publicação com alma. Senhores(as) anunciantes, não nos esvaziem daquilo que anima o desejo do público leitor que vocês também querem conquistar. Da mesma forma, senhores(ras) leitores(as), continuem a nos prestar seu apoio com o carinho com que viram cada uma dessas páginas. Elas foram criadas uma a uma antes de serem reproduzidas por uma maquinaria infernal dessas que nos transformam todos em robôs superprodutivos. Aos assinantes, sempre a nossa saudação mais cara, porque estamos o mais próximo o possível. É com os assinantes que se constrói a imagem desse equilíbrio: um

leitor que acima de tudo também paga, mas que não esgota seu significado nesse ato. É um leitor orgânico porque indiretamente participa mais de perto de todo o processo de produção. Um assinante é quem dá um voto de confiança. Identifica-se. Só lembrando aqui a vinculação do "Libération" com um certo imaginário de maio de 68, tornando-se, durante muito tempo, sua leitura quase que uma credencial crítica. Ostentar um exemplar do jornal em espaço público era ingressar numa ordem simbólica libertária. De certa maneira e guardadas as diferenças, a alma do bravo **RelevO** é assim também.

Escolhi o assunto porque essa é a grande luta anônima que se trava no silêncio dos intervalos que separam as edições. Tempos incertos. Tempos de crise. Jornalismo vive de crise e incertezas. O resto é marketing. Jornalismo é risco. Tem que pagar para ver. Por mais que se tente, não se consegue fechar planilhas nesse universo. Se elas se fecham absolutas, sem nenhuma imprecisão, é porque o jornalismo já contraiu a peste. O RelevO é o que é porque manteve-se no imponderável equilíbrio sobre essa linha ao longo do seu tempo de existência até aqui. E vai continuar assim até onde for possível: pautando-se pelo interesse tanto de seus leitores quanto de seus anunciantes sob o fiel de uma balança que se constrói com a arte de entrelaçar palavras. As artes do texto. São elas que unem todos os nossos interesses num só desejo. Vamos todos celebrar. A linguagem é uma grande festa!

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



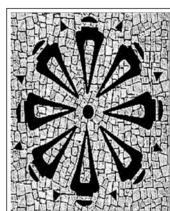






A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeño editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



ADVOCACIA

Bruno César Deschamps Meirinho (OAB/PR 48.641)

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA -CONTRATOS - TRABALHISTA

Rua da Glória, 72, Sala 510, Alto da Glória, Curitiba (41) 8440-5050 [OI] / (41) 9839-4529 [TIM]



R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR









A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.bre facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais: originais@editorapenalux.com.br



Monstera

CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ESTAMPAS EXCLUSIVAS PARA ÁREAS DE MODA, DESIGN DE INTERIORES, DECORAÇÃO, PAPELARIA E UNIFORMES.











Edifício e Galeria Tijucas | Rua Luiz Xavier, 68 - Centro | Curitiba - PR









(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Juiz Otávio Prendin Costa



LIVROS (VINIS **JOAQUIM LIVRARIA & SEBO** RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

TITO LEITE

eterno retorno

No rio de Heráclito, Nietzsche nada.

A borboleta tem cheiro de metamorfose.

Santo Agostinho não atirou pedras nem desmantelou a ampulheta do que Deus amara antes do nada.

O mar lava os pés com foice de prata.

O moderno se oceana nas escamas da manhã.

O relógio de vidro tem que ser póstumo para ter lar.

MAR BECKER

Perséfone

penso na mulher que é inacessível como uma estrela de sal. um cálice, uma chaga em backing vocals no cair das horas. penso na mulher que pensa na palavra

e a palavra se faz aos poucos nas bocas das demais mulheres. com a matéria das flores sonâmbulas e do marfim. TT

sonho ou assédio lunar,

meninas que se desgarram de si mesmas,

meninas que flutuam como abajures mortuários em torno das bonecas. depois se abaixam para beijá-las na testa e imantar seus corpinhos de pano com relâmpagos.

*

meninas que não falam, magras, inacessíveis,

tantas meninas, e são altas, e cheiram a algodão e lágrimas.

nos cabelos um nevoeiro de teias de aranha. na pele os sinais em sete eclipses: lua ilícita, lisérgica. a sombra no púbis, no ânus, nos covis das axilas. uma única e mesma noite atravessa os séculos pela boca das mães até a boca das meninas,

e das meninas às bonecas,

num processo difícil de perpetuação da fome.

MESMOPULSO

GERMANO XAVIER

mesmopulso/ entre potes de pimenta e frascos adornados com azeites clandestinos, o estado das coisas agrava a vida, cor e cheiro e chuva

mesmopulso/ saídos dos tachos que moendam o mel da flor dos canaviais chapadeiros, os homens absorvem o lento tempo com a ancestral lâmina das horas

mesmopulso/ escutar os passos do pai a bolinar a mansidão da manhã, sentir o fogo-mãe a cometer livramentos, a retorcer angústias marinando ausências

mesmopulso/

a voz que ouço nos corredores da velha casa é a mesma de quando o chão era instinto, a mesma de quando o bule chiador era alçapão para cativar prosas mansas de tardes inteiras

mesmopulso/ os sons metálicos das pás dos pedreiros, o levante do sol frio entre aceroleiras, o rumo incerto de todas as pressas, um circuito de essências nos silêncios

PEDRO LUZ

Novos falsos oráculos

A história ensina que, na Grécia antiga, mais precisamente na cidade de Delfos, havia um templo dedicado a Apolo. Nele, as pitonisas, sacerdotisas com o dom da previsão, livremente ditavam os rumos da sociedade grega. Suas profecias eram consideradas verdades absolutas.

Séculos depois, o método científico permitiu apontar que, em verdade, as profecias eram erigidas sob o efeito de gases alucinógenos, advindos de uma fenda subterrânea no templo. A desmistificação desse estado de coisas nunca chegou ao povo grego, que viveu por seis séculos na nebulosidade.

Essa pequena narrativa, em que pese ultrapassada historicamente, repete-se hoje de outra forma: inúmeras pessoas decidem, sem qualquer luta crítica, replicar métodos e procedimentos ensinados pelo autoproclamados bemsucedidos da hora, titãs desbravadores dos mais diferentes nichos econômicos, que altruisticamente compartilham seus dogmas.

Tais lições, em grande parte, advêm de um sem número de clichês e lugares-comuns. As agruras do insucesso, então, seriam resultado de falta de ambição, do contato direto com pessoas negativas, da falta de ação (ou *action*, como os palestrantes adoram inovar), do medo de falhar, da falta de meditação, entre muitos outros, todos supostos óbices para uma boa marcha rumo ao sucesso empresarial.

Esse discurso vago, afim ao horóscopo semanal de jornal, parece ganhar cada vez mais adeptos. Em uma comparação elástica, os emissários dessas hipóteses de sucesso seriam as antigas pitonisas, as quais, em uma sociedade construída sob as bases de um capitalismo financeiro, são substituídas pelos coaches, businessmen ou quaisquer outras designações imprecisas.

O mito da verdade, já superado pelo paradigma da linguagem de Wittgenstein, em "Tractatus Logico-Philosohpicus", ainda parece surtir efeitos no pós-modernismo, apesar de ultrapassado em ao menos dois mil anos. É a recorrente prática histórica de ver o novo com os olhos do velho. Acreditam, assim, nas verdades absolutas advindas de seus gurus, admitindo abertamente

apenas uma interpretação possível ao fenômeno "triunfo no mercado".

Não se culpam os adeptos, que por vezes dispõem apenas do limitado conhecimento ao seu alcance, mas sim seus porta-vozes, oráculos e pitonisas, exploradores da fragilidade e ingenuidade alheia, vendedores sem caução de fábricas de sonhos. Pior: essa atividade pode, em certos casos, beneficiar palestrante e palestrado, todavia sempre interessando àquele que cobra diligentemente pelos seus "preciosos" ensinamentos.

A luta crítica sempre será necessária para repulsar as constantes tentações alienantes do cotidiano. Para tanto, é recomendado um esforço diário de compreensão e problematização dos novos panoramas presentes, por meio de avaliações históricas, morais e éticas.

Nem sempre esse esforço é tangível, pois ainda somos marcados por uma profunda desigualdade, inclusive nos meios de acesso ao conhecimento. Tal proposição é, portanto, um apelo pela emancipação humana, contra as predatórias práticas que retiram a dignidade e a livre determinação dos povos.

O RelevO, em parceria com a Piripitcha Produções, orgulhosamente apresenta, de 25 a 29 de julho, o 1º Salame Literário do Paraná. Realizado no fim do mês, pois a falta de dinheiro é problema de outrem, a semana terá como tema principal As relações entre a literatura local e a gastronomia em reuniões com intelectuais. O evento receberá como padrinho o performer Teodoro Santos, que promete morrer de congestão na abertura da programação. Durante a semana, diversos eventos congraçarão a literatura local com gastronomia.

dia 1

Palestra A Era do Fragmento e do Queijo Camembert – Uma Defesa

Com Umberto Cravo & Canela

Por duas horas, três terroir (lê-se "terroar") e doze tipos de salgadinho à base de queijo talvez importado, a palestra com o principal sociólogo de internet e apreciador de pirocas sem pelo da contemporaneidade demonstrará como as citações certas nos momentos adequados em um café com editores podem fazer o escritor alçar voos gastronômicos mais significantes.

Entrada: Um livro de haikais

Cardápio: Queijo Camembert, Queijo Colonial da Fazenda do Seu Celso, coalhada com papelinhos em latim, requeijão usado, leite em pó para crianças de até 2 anos.

dia 2

Sarau da Pauta Podre e do Salame Autêntico

Com escritores independentes que não se curvam ao capital

Dividido em três turnos e com a leitura de romances completos de cada um dos integrantes, o sarau terá como eixo a produção de matérias jornalísticas com potencial de dor de cabeça aos autores e aos envolvidos, como "12 fotos exclusivas de Dalton Trevisan", "Jorginho: o escritor sem ego", "A Verdade Sobre *O Nicolau*: Depoimentos", "Artistas criticam artistas em nova galeria", "A editora mais bonita da cidade". Em seguida, a mesa contará com a performance do Salame Cremona, com mais de 500 anos de tradição, que será congelado ereto ao centro de cada uma das cadeiras dos participantes enquanto eles, com fones de ouvido Apple, defendem os próprios trabalhos.

Entrada: Um projeto de romance

Cardápio: Salame Cremona, gel lubrificante, camisinha do

Governo, um editor velho

dia 4

Pão: Oficina de criação poética

Com os padeiros leitores de Camões, Virgílio e Homero.

1 kg de farinha de trigo especial / 15 g de gema de ovos (1 ovo) / 20 g de fermento biológico em barra (1 colher) / 20 g de açúcar (2 colheres de sopa) / 550 ml de água / 20 g de margarina (1 colher) / 20 g de sal (2 colheres de sopa)

Entrada: Relato adequado das diferenças técnicas entre petit gateau e brownie.

Cardápio: Pão sírio, um sírio, um círio pascal, um funcionário do Sírio-Libânes, um ciro gomes, uma sfiha do Coral do HSBC, livros artesanais.

dia 3

Clarice por Clarice – Um renigma

O grupo vocal Clarice interpreta post do Facebook e lança azeitonas italianas sem caroço ao público.

Entrada: Beijo na bilheteria em um poeta que não compõem trocadilhos.

Cardápio: Azeitonas parcialmente comidas pelo sommelier Gianluigi Buffon, alcachofra, alcaparra, alfavaca e pilhas alcalinas Rayovac porque dura mais no cu.

dia 5

Debate

Com

Qualquer

Coisa

Que

Lembra

Literatura

E

Mais

Um

Pouco

De

Ladainha

Coluna Social

MARCO AURÉLIO DE SOUZA

Não é segredo pra ninguém que nossa cidade querida, até ontem ostentando feição tão simpática, sempre amável em virtude de seus contornos delicados de bibelô interiorano, bem como por sua aura mágica, bondosa e pacífica de rinção mimoso, em tudo bem cuidado pelas gentes de estirpe e tradição que compõem a sua paisagem humana, tudo isso na mais temperada fusão de genealogias que é marca indelével de nosso povo, não é segredo pra ninguém que, de uns tempos para cá, iniciou-se de modo bastante agressivo um implacável movimento de modernização, crescimento industrial acelerado que, a despeito de suas reconhecidas benesses e da profusão de empregos que parece fervilhar no seu bojo, espalha soturno pelas ruas da cidade uma coleção de mendicantes que, por detrás de sua casca de sujeira, nos revelam o lado perverso da abertura capitalista que ora experimentamos.

Em caminhada de hábito que, regularmente, realizo o mais cedo, logo pela primeira manhã, em trajeto que liga o bairro de Oficinas ao centro da cidade, pude constatar na última semana, lastimoso, o fortalecimento desta fauna sombria que, hoje, já habita vastas regiões de nossa área urbana, adornando de modo arbitrário os espaços públicos que, antes, pareciam de uma limpeza exemplar. Não pensem os senhores, contudo, que todos os pedintes são iguais. O relato que faço, neste sentido, busca alertar os munícipes para a diversidade do perigo, dado que, na extensão de pouco mais de um quilometro, já pudemos contabilizar

dúzias e dúzias de monstros moradores de rua, os quais, por força de expressão, chamamos ainda de homens. Estes são os mais variados.

Pertinho de casa, separados do meu canto em apenas duas quadras, há dois deles que dormem em frente a uma famosa concessionária, cujo proprietário, todos sabemos, é homem da mais alta sociedade princesina, um estimado edil. De modo que nada podemos dizer antes de afirmar, categoricamente, que estes, que se atravessam nos interesses do âmbito privado, são os piores, é a mais pura verdade. Obstruindo as vitrines, os pedintes fazem mais do que espantar o olhar dos passantes, prejudicando o negócio local, pois um deles, pareceme, tem por costume o adentrar no mundo dos sonhos com as calças arriadas, seminu. Assevero, portanto, o atentado ao pudor não pelo que é nele uma exceção, mas sim pelo que se repete na imagem nauseabunda, pois o flagra da nádega suja do homem, de minha parte, já soma quatro ou cinco dias, provando que a situação não se resume ao descuido de uma única noite, que bem poderia estar motivada pela embriaguez.

Continuando com o passo da caminhada, logo se verá um segundo ponto de mendicância. No arrabalde de um supermercado tradicional, o sem-teto dorme com um vira-lata que, ato contínuo, é leal a seu amigo a ponto de, num único comando de grunhido, avançar no pedestre. Acuado pela fera, o transeunte sofrerá ainda o despautério de observar o mendigo solto em gargalhadas, satisfeito com a situação embaraçosa,

tomando calmamente seu corote enquanto o cidadão de bem dribla em passos de samba a ameaça animal. O exemplar, ao que tudo indica, é dos mais nocivos ao cidadão que se utiliza de tal logradouro, ao contrário de outros, praticamente inofensivos, que oferecem pouco ou nenhum dano ao passante. Este é o caso, sobretudo, do pedinte da Silva Jardim, que senta no canteiro central da avenida e, afora destoar da bela arborização do local, nada mais faz, exceto o mexerse para frente e para trás, com as pernas coladas ao estômago e a cara um tanto cômica de pavor infantil, sussurrando uma reza ou um pedido de ajuda incompreensível, com sua língua atrofiada.

Nestas mesmas imediações, contudo, é possível encontrar, às vezes, uma horrenda figura que, inchado no rosto pela cicatriz recente, quem sabe inflamada, certamente o fruto de uma briga entre dois da mesma espécie, desenha em alto relevo uma beterraba aberta entre a bochecha barbuda e os olhos estalados de fúria, feito um berne ou outro verme pior desbravasse a carne buscando saída do corpo arregaçado. Fala sozinho, o rapaz. Sempre nervoso, parece cometer injúria eterna ao mundo ao redor, de modo que cruzar com este coitado nos gera sempre uma sensação de que somos nós mesmos os que devem responder pela acusação genérica emitida em urros pela besta. É lícita, porém, a indagação íntima que todos fazemos ao cruzar com o raivoso: afinal, poderá crer ainda na piedade de um terceiro adaptado

sabendo que seu comportamento é de tamanha vilta e ultraje?

Pouco adiante, nas escadarias de acesso ao ginásio para deficientes físicos, encontramos a primeira mulher de rua do percurso. Que a aparência de senhora não nos engane: esta gente envelhece muito cedo, por ação da bebida e dos ilícitos todos, excessivamente consumidos pela população daninha, quase por completo bestializada. É possível que a louca seja ainda muito jovem, na faixa dos vinte anos, senhorita até. Talvez por isso é que se apresente assim, insana, girando por sobre um ponto fixo e, em cada direção, liberando um pouco de sua saliva espumante, veneno de uma víbora resistente, posto que nunca dorme, ao contrário de muitos outros de seu grupo social que, antes do meio dia, nunca são vistos com os olhos bem abertos.

Ainda por ali, abaixo da escada, dando a mínima para a histeria da mulher giratória, dormem mais uns e outros que perfazem o contorno assombroso já denunciado. Dos cenários possíveis, parece-se, montam o mais distópico, desolador. Revolta o perceber, contudo, que ninguém está a salvo do infortúnio e da miséria, pois é certo que, da janela do magnífico edifício Champs-Élysées, marco de nossa arquitetura moderna, o glamour se perde mediante a vista da balbúrdia que os inconsequentes pedintes fazem na mesma rua e, assim, seus moradores acabem tendo que conviver com tal paisagem ingrata diante do nariz. Importante empresário do ramo das imobiliárias em nossa cidade, Rafael Tavares, uma figura respeitada

por sua luta incansável em prol da sociedade princesina, é um dos que, nos bastidores, relatou-me sua tristeza relativa à miragem pesadelar que acampa todos os dias no horizonte de sua varanda florida, adorno do amplo e elegante apartamento que elegeu como residência principal, no edifício de nome francês.

Chamou-me atenção, não obstante, pelo quê de inusitado, uma imagem que pude observar em minha última andança, já no ponto final do cooper matinal, em frente à estação. É sabido por todos que ali, naquele local, proliferam, antes dos mendigos, as pombas, praga ainda mais difícil de extirpar e que, com sua aparência inocente e bobalhona, ofusca um grave problema de saúde pública, propagando doenças respiratórias na população já tão sofrida com a falta de saúde e segurança, bem como pelos impostos que sufocam nossa iniciativa. Naquele espaço, então, foi que vi o homem carregando uma pomba nos ombros. A cena chegava a ser jocosa, como se verá, já que, desfrutando do ombro amistoso, a pomba também oferecia os seus carinhos ao pedinte, que mal dava por si mesmo, quiçá pelo presente muy amigo que recebia.

Ocorre que, ali, havia uma relação de simbiose muito curiosa: a pomba limpava o sujeito e, em seu proveito, estufava ainda mais sua pança gorda de pipocas. Os cabelos desgrenhados do mendigo, que há muito não conheciam uma massagem em água quente, muito menos uma carícia feita por xampu, deviam estar cobertos pelas lêndeas e piolhos, alimento perfeito para o rato voador

que, bem sabemos, joga para dentro qualquer coisa que encontra pelo chão. O riso é convocado, porém, quando o observador se depara com a contradição inerente à figura grotesca. Se, por um lado, o pombo limpa o couro cabeludo do mendigo e o ajuda a se manter com alguma dignidade, imaginem o que ele faz noutro canto, precisamente na justa parte em que, com seus pezinhos de pássaro deselegante, apoia-se feito fosse um legítimo papagaio de pirata.

Afora os risos, como se vê, os avanços que nossa cidade conquistou nos últimos anos trazem também um desconforto ou um resíduo que deve ser examinado com cuidado. Não quero, com meu diagnóstico, ir contra o progresso, que de resto seria, inclusive, surdo ao meu apelo, atropelando-me efusivo com sua voracidade insaciável. Deixo, porém, um objeto de reflexão que visa a melhorar a qualidade do convívio entre os munícipes de nossa estimada cidade. Ninguém sente prazer, é verdade, em passar pelas sinistras figuras aqui enumeradas. Outrossim, elas parecem ser um mal menor que, tal como o pombo a defecar nos ombros do mendigo, talvez sejam mesmo inerentes à nossa condição de sociedade desenvolvida, desfrutando de uma relação de simbiose assemelhada à das criaturas anteriormente evocadas. Urge, por isso, que aceitemos o fato e passemos a meditar sobre os modos possíveis de lidar com tal problema, retirando a sujeira, especialmente, da vista de nossas crianças.

Sabe-se que os pequenos, por ignorância ou instinto, adoram brincar com o lixo. Devem, portanto,

ficar longe dos mendigos. Mesmo porque – eis, enfim, o contraponto necessário à minha exposição um tanto negativa - nem só de miséria vive nossa caminhada rumo à civilização: anima-me o poder lhes contar, em primeiríssima mão, que muito em breve contaremos com um novo MacDonald's na cidade. Festejemos o anúncio, portanto, e mais ainda porque, passarinho me contou, consta no projeto desta nova unidade a realização de um antigo sonho de nossa comunidade. Com um aconchegante e requintado parque infantil, por certo muito colorido e estimulante, no padrão de conforto e segurança que somente uma marca internacional nos garante e proporciona, teremos, finalmente, o tão esperado espaço kids local. Será demais? Não me parece. Diz o empresário da franquia que, para o porte robusto que, em tão pouco tempo, nossa cidade conquistou, ainda é pouco, na realidade.

Será o caso de ganharmos inda mais? Cá entre nós, um é bom, mas dois é bem melhor. O que vier depois, será lucro. O importante, de fato, é a cidade ditar o ritmo do progresso sem perder, contudo, a perspectiva da ordem. E, voltando ao papo dos hambúrgueres, só de falar no assunto, bate logo uma vontade irresistível de comer uma das delícias daquela casa, não bate? Que os gordinhos, portanto, e os que sofrem na tentativa hercúlea de adentrar num desses regimes impossíveis que o personal tirano nos impõe, perdoem o cronista esfomeado, mas, comer bem, para mim, ah!, comer bem é, dos pecados, certamente o mais gostoso, o essencial.

CLARA COLEMONTS

passeios pela cidade

me banhei
no sereno da madrugada
nas ruas esburacadas
as luzes borradas
seus contornos
traçando a minha silhueta
o desejo
o ensurdecedor desejo
pulsando e ardendo
por cada terminação nervosa
como dois buracos negros
a insuportável gravidade
nos une
e nos extingue

Sugador Paraíso

JIM CARBONERA

Sentado em uma poltrona confortável e macia, Júlio terminava suas palavras cruzadas do jornal. Quando completou a grade com a última palavra, levantou e foi até o armário da sala. Segurou uma garrafa de vodca e desarrolhou-a. Serviu num copo com dois cubos de gelo e retornou à poltrona. Com um isqueiro a gás, acendeu o tabaco do cachimbo que descansava na mesinha de mogno ao seu lado. Puxou delicadamente a fumaça, expelindo-a em segundos. Usufruiu o ritual cachimbo-vodca até dar-se por satisfeito.

Júlio tinha trinta e oito anos, magro, olhos verdes, cabelo loiro próximo aos ombros, pele celta e usava uma barba comprida e trançada. Morava sozinho na zona leste da cidade e trabalhava como paparazzo. Fez certa fama depois de flagrar um famoso jogador de futebol saindo com uma travesti. Vendeu as fotos para um jornal que pagou, inclusive, pela exclusividade.

O álcool e o fumo lhe deram um pouco de fadiga. Baixou as pálpebras e cochilou. Entre sonhos e realidade, acordou com a campainha tocando. Ergueu-se e espreguiçou-se. Olhou através do olho mágico e viu quem era. Abriu a porta.

- O que faz aqui, César?
- Cara, olha o que descolei disse, segurando um pacote e abrindo-o logo em seguida. — Pra você que mora sozinho é perfeito.

César era amigo de Júlio há mais de sete anos. Tinha um metro e noventa de altura, usava óculos de grau e seu cabelo, preto e liso, era repartido do lado direito para o esquerdo. Júlio ficou observando o apetrecho nas mãos do amigo. Era algo redondo e muito parecido com um prato. Porém, tinha vinte centímetros de espessura e sustentava um buraco no centro.

— Que é isso? — questionou Júlio.

- Meu primo é engenheiro, meio doido, gosta de ficar inventando porcarias e criou isso. Não sei bem o que ele usou para criar, porque não quis me dizer. Só disse o nome: Sugador Paraíso.
- E serve pra quê? disse Júlio desconfiado.
- É um tipo de cu ou boceta artificial. Na verdade, ele disse que é uma mistura das duas coisas: tem a lubrificação de uma boceta, mas o diâmetro e o prazer de um cu.
- Você deve ser louco, só pode. O que você quer que eu faça com essa merda?
 falou o paparazzo com irritação.
 - Compre.
 - Ah, caralho! Esse era o meu medo.
- Relaxa, Júlio. Você nem experimentou ainda, vai que gosta. É melhor que punheta. De repente, entra em uma fase ruim com as mulheres, daí pode ter isso pra se consolar.
 - E existe puta pra quê?
- As putas de hoje são cheias de perebas e gonorreia. E as que valem a pena são caríssimas. Isso aqui é mais seguro. Vamos fazer assim: eu deixo aqui hoje e você faz o teste, se não aprovar me devolve que depois eu vejo o que faço com isso.
- Quantos caralhos já foram parar aí dentro?
- Meu primo jura que só o dele, e colocou uma única vez. E ainda disse que quase morreu de tanto prazer. Falou que isso leva ao nirvana sem precisa meditar. Mas ele está mal de grana e quer fazer outros, por isso precisa vender este aqui.

Júlio pegou na mão o Sugador Paraíso. Olhou. Havia quatro botões em cima.

- Pra que servem, César?
- Vou te explicar direitinho. O primeiro botão é o de liga/desliga.
 O segundo é para a lubrificação do

buraco. O terceiro, ventilação e sucção. E o quarto e último botão é para a higienização. O segundo e quarto buraco têm um compartimento para ser reabastecido: o segundo com óleo diesel e o quarto com álcool.

- Engenhoca complexa esta.
- Que nada, rapidinho você decora. Nunca o sacaneei e não será dessa vez. Testa aí e depois me fala. E o pau nem precisa estar muito duro. Uma leve ereção é o suficiente para entrar no buraco. O cacete estando lá dentro, o resto é por conta do sugador. Em poucos minutos deixa o pau tinindo.

Júlio começou a rir e ficou com a máquina. Despediu-se de César e colocou o Sugador Paraíso em cima de uma cadeira. Sem muita animação, deixou o resto do dia passar sem maiores novidades.

Durante a madrugada, Júlio resolveu testar o aparelho. Pelo que imaginava, devia funcionar com alguma bateria ou pilha. Não quis analisar para não criar medos e acabar não experimentando. Estava com o pau mole. Começou a tocá-lo até ter uma pequena ereção. Ligou o Sugador e meteu a rôla dentro. No instante seguinte, apertou o segundo e o terceiro botão. Foi quando o milagre aconteceu: seu caralho ficou duro no mesmo instante e a sensação que despertou em si foi inefável. Júlio não precisava se movimentar, pois a máquina fazia o serviço completo. Sugava, lubrificava e fazia o pau do paparazzo saracotear esplendorosamente em todas as direções. Não chegou nem em cinco minutos e seu sêmen saltou, fazendo-o cair de costas na poltrona. Júlio ficou desacordado por quase dois minutos. Que sensação!, pensava. Realmente, César estava certo: era muito melhor do que punheta. Depois de usá-lo e ver anjos, entendeu o porquê do

nome Sugador Paraíso.

Até a tarde do outro dia, Júlio usou o aparelho mais cinco vezes. E era sempre a mesma sensação. O único problema é que tinha sempre que lavar o pau depois de usá-lo por conta do óleo diesel.

Quatro e meia da tarde e a campainha soou.

- E aí, compadre, como foi? perguntou César.
- Uma merda, me senti até constrangido mentiu Júlio. No começo até que foi bom, mas depois não senti mais nada. E, ainda por cima, fiquei com o pau todo lambuzado de óleo.
- Não é possível! Deve ser por isso que ninguém da família gosta desse maluco do meu primo.
- Avisa-o que se ele quer ganhar dinheiro com essa bugiganga, vai morrer na miséria. Quer experimentar? falou Júlio, indo de encontro ao Sugador.
- Acredito em você, camarada. Vindo daquele idiota eu não poderia esperar outra coisa.
- Podemos fazer assim, César. Já que teve as melhores das intenções, te dou quarenta reais e você diz para o seu primo que a máquina estragou ou que você perdeu e eu fico com ela. Ao menos não preciso ficar só na punheta.

César pensou por um instante e aceitou. Feliz, agradeceu Júlio pela consideração. Disse que amigo assim era difícil de encontrar. Júlio serviu dois copos de conhaque e beberam juntos. Logo depois, César foi embora.

Por quarenta reais, o paparazzo havia comprado o acesso diário para o Paraíso.

Depois de um ano de namoro com o Sugador e explorando-o de duas a três vezes por dia, ele pifou. Júlio pensou em mandá-lo arrumar. Mas não arrumou.

Filologia, Literatura e Linguística e os Debates Historiográficos sobre a Antiguidade Clássica (II)

PEDRO PAULO A. FUNARI

Ainda no campo das línguas clássicas caberia mencionar os estudos sobre o linguajar utilizado pelos antigos, como é o caso do sermo humilis, o calão popular, tão revelador de traços culturais, apenas acessível pelo estudo da língua. O latim falado, representado por Petrônio, por exemplo (Boyce, 1991; Marmorale, 1948; Maiuri, 1948; Zehnacker, 1989), não pode ser dissociado do estudo dos tituli graphio exarati (grafites) de Pompeia, com sua latinidade vulgar, viva, está tão próxima dos vernáculos românicos (Väänänen, 1937), essa verdadeira "Civilização das formas literárias", nas palavras de Marcello Gigante (1979). Da dupla negação (Perl, 1979) ao vocábulo mais polissêmico, como munus, em Munus

te ubique (CIL IV, 8031; cf. Funari 1991: 83-86), há todo um universo semântico de conteúdo sociocultural a ser desvendado com a participação da análise filológica.

Antes de terminar este breve apanhado, não poderia faltar uma advertência: amicus Plato, sed magis amica ueritas. Não se deixe de mencionar, ainda que en passant, que esta ligação indelével entre a História e a Filologia nem sempre apresenta aspectos louváveis, pois tanto o racismo (Bernal, 1993), como o fascismo (Giordano, 1993) aproveitaram-se de um culto distorcido à Antiguidade Clássica para estabelecer interpretações e políticas daí decorrentes, discriminatórias, pouco afeitas ao próprio espírito

científico e, ainda menos, àquele humanista. Assim, a própria definição do grego e do latim como línguas clássicas é um recorte arbitrário em um mundo que se utilizava de outras línguas e escritas, a começar da mais conhecida e preservada, o hebraico/ aramaico, cujo desconhecimento foi até mesmo programático: rabbinica sunt, non legentur (Cohen, 1987: 130). Ora, toda a literatura rabínica, do talmude ao midrash, apresenta extensa documentação sobre a o mundo helenístico-romano e apenas recentissimamente tem sido estudada por "classicistas" (cf. Banon, 1995; Goodman, 1997).

Quanto à literatura, os estudos mais tradicionais direcionavam-se para a História a partir das obras

literárias, ou para a busca dos autores antigos por outros meios, como inscrições. Este é o caso da coletânea de referências explícitas a Virgílio, encontradas nas paredes de Pompeia, levada a cabo por Franklin (1997). No entanto, a História dos últimos anos aproximou-se da Literatura, ou, como propunha David Harlan (1989: 581), "o retorno da Literatura lançou os estudos históricos em uma grande crise epistemológica". O caráter narrativo da História aproximou ficção e História, res fictae e res factae, voltou-se a poder entender História como gênero literário (White, 1973). "O estilo não concerne 'o jeito, mas a própria 'substância' da Historiografia", segundo Gay (1975: 3; cf. Ankersmit, 1986; Munslow,

1997: 140-162, sobre *Hayden White* and deconstructionist history). Retomou-se a própria terminologia clássica para descrever este caráter literário da narrativa histórica. como sugere Paul Ricouer (1994: 11), ao empregar inuentio, dispositio, elocutio, memoria, pronuntiatio: trata-se de uma narrativa, Erzählung (Kocka & Nipperdey, 1979; Baumgartner, 1979). Grandes temas da historiografia contemporânea têm sido a textualidade (Maier, 1984) e a linguagem do próprio historiador: die Sprache der Quellen und die Sprache der interpretierenden Historikers stehen in einem dialektischen Spannungsverhältnis, "a língua das fontes e a língua do historiador que interpreta estão em uma relação dialética" (Mommsen, 1984: 66). Este mundo como representação (Chartier, 1989) apenas se pode exprimir por palavras, em textos, cuja expressão literária é inelutável, constituindo parte integrante e essencial da verstehen histórica (cf. Funari, 1997; Kittsteiner, 1997).

No que se refere ao mundo antigo, inúmeras consequências resultaram dessas preocupações, a começar do estudo da própria "invenção" daquela Antiguidade por nós, modernos. Não é à toa que Mark Golden e Peter Toohey (1997) organizaram um volume sobre a "Invenção da Cultura

Antiga". De fato, como já havia lembrado Michael Shanks (1995: 34), em outra busca etimológica, invenire e "invenção" significam, a uma só vez, "descoberta" e "invenção". Do mesmo modo, as próprias "fontes literárias" têm sido perscrutadas de maneira a explorar temas como as relações de gênero (e.g. Rabinowitz & Richlin 1993), a espacialidade (Knights, 1997), ou mesmo a cultura alimentar de provinciais no mundo antigo (e.g. Carreras & Funari 1998). Ressalte-se que, nos casos citados, não se trata de estudos apenas a partir da literatura antiga, pois que se juntam abordagens arqueológicas, históricas, antropológicas, mas sempre envolvendo um reexame da tradição literária antiga à luz daquilo que se convencionou chamar de linguistic turn (cf. Schötter 1997, com bibliografia anterior). Isto nos conduz ao último aspecto deste ensaio, ligado aos dois primeiros: a Linguística. De fato, todas as ciências humanas foram influenciadas pela Linguística, como se observa nesta passagem de Gordon Childe (1960: 15-17):

Sendo a linguagem um veículo tão importante na formação e transmissão da tradição social, o grupo assinalado pela posse de uma 'cultura' distinta provavelmente falará também uma linguagem distinta...cada língua é produto de uma tradição social e age sobre outras formas tradicionais de comportamento e

pensamento. Menos familiar é o processo pelo qual as divergências de tradição atingem até a cultura material.... 'next Friday', na Inglaterra, transforma-se em 'Friday first' na Escócia...Na Irlanda e no País de Gales os trabalhadores rurais usam pás de cabos longos, ao passo que na Inglaterra e na Escócia os cabos são muito mais curtos. O trabalho realizado é, em cada caso, o mesmo, embora o manuseio do instrumento seja, evidentemente, diverso. As divergências são puramente convencionais... As divergências linguísticas devem ser tão velhas quanto as divergências culturais identificáveis no registro arqueológico.

No entanto, foi a partir da década de 1960, com o estruturalismo linguístico, que esta influência se generalizaria e já na década de 1970 podia afirmar-se que "a preocupação central das ciências do homem é a linguagem" (Vogt, 1989: 62). A Linguística, no entanto, passou a incorporar outras abordagens, em particular introduzindo uma noção sócio-histórica de discurso, de maneira que as condições sociais determinam mesmo as propriedades do discurso (Fairclough, 1990: 17; 155). A introdução das classes sociais e dos contextos históricos específicos (Kress e Hodge, 1979) e a valorização do exosemiótico, para usar um termo de Lagopoulos (1986: 234), representou uma nova onda de influência linguística, a partir de

autores como Rossi-Landi (1986).

O estudo da Antiguidade Clássica foi influenciado muito diretamente por essa "tendência linguística", em particular com a adoção de esquemas analíticos derivados da analogia com a análise linguística. Dois exemplos bastam para tratar desta questão: em primeiro lugar, o mais tradicional tema, que está na origem mesma da Altertumswissenschaft, a busca dos indo-europeus. Historiadores, arqueólogos e linguistas debruçamse sobre o mesmo material, a partir de conceitos da linguística histórica (Zvelebil, 1995; Dolukhanov, 1995; Häusler 1995). Em outro sentido, estudiosos em busca de modelos analíticos para os temas complexos como as casas e a sociedade antigas têm se utilizado de esquemas derivados da Linguística (e.g. Wallace-Hadrill, 1994: 38 et passim).

Pode concluir-se que as relações entre a História da Antiguidade Clássica e as ciências humanas, em particular, Filologia, Literatura e Linguística, têm-se mantido intensas, desde a origem do estudo moderno do mundo antigo. Nos últimos anos, estas interações foram se intensificando e, hoje, pode afirmar-se que não se pode deixar de conhecer e utilizar, de forma crítica, os aportes destas, como de outras áreas afins, ao estudo da História Antiga.

Originalmente publicado em Os debates historiográficos sobre a Antiguidade Clássica e as ciências humanas: Filologia, Literatura e Linguística, Anuari de Filologia, Studia Graeca et Latina, 20, D, 8, 29-38 (1999).

O engajamento afetivo de Nei Maciel

DA REDAÇÃO



"Foi desilusão amorosa", define o curitibano (desde o primeiro ano de idade, mas nascido em Salto do Lontra) Nei Maciel, sobre o seu chamado para a música. O período recente, iniciado há pouco mais de dois anos, coincide com a frequência maior na Segunda Autoral, projeto cultural realizado no Bardo Tatára há quase dez anos. Foi quando começou a compor. Desde então, são quase trinta músicas. "De fato, comecei a tocar na igreja, na adolescência. Mas depois fiquei oito anos sem tocar", relembra.

As bases musicais de Maciel são um tanto heterodoxas. Ele começou a ouvir música caipira por influência do avô. Teve tempos de ouvir muito Amado Batista, Djavan, Chico Buarque, Caetano Veloso, Novos Baianos, o pessoal da Tropicália. Também foi, por outro tempo, apreciador da música eletrônica. Ultimamente, tem prestigiado Cícero, Braza, Bernardo Bravo, Criolo, Igor Menezes e o pessoal do Luneta Mágica, lá de Manaus. "Gosto de músicas com densidade poética. A poesia e a música são capazes de navegar através do universo, pelo tempo que for necessário, até encontrar os seus olhos e ouvidos, e por eles tocar o seu coração e sua razão", define.

Além de compositor e violonista, Maciel é o fundador do projeto Livre Home Stúdio, baseado em economia cultural colaborativa, um canal que divulga eventos da região e promove projetos em diversas áreas, inclusive humanitárias. "Buscamos construir uma rede de interesses nas áreas cultural e social, onde todos contribuem para o crescimento dos trabalhos e auxiliam na propagação de novos talentos".

Maciel não esconde a influência de João Gilberto Tatára em sua trajetória recente. "O Tatára é a base de tudo. Nada do que temos, do que estamos executando, existiria sem o apoio dele. Além da importância cultural da Segunda Autoral, aqui é um lugar para encontrar amigos, familiares, novos músicos e companheiros. É uma experiência única, um momento singular na cultura paranaense".

Sobre os planos para o futuro, o músico alega um certo desprendimento. "Não sei onde irei chegar no universo musical. Sei que sozinho não se chega a lugar nenhum. Não tenho maiores ambições em relação à minha carreira solo. Gostaria, mesmo, é de viver exclusivamente de música, tocar com os amigos", completa.

facebook.com/neimaciell
facebook.com/livrehomestudio
soundcloud.com/livrehomestudio
livrehomestudio.com.br



PH Soares, Rodrigo Rios, Nei Maciel, Dyan Lohan e Berthony Pierre

Divulgação

A simplicidade de Mauro Barbosa

DA REDAÇÃO



Divulgação

Entre bares com ênfase na música própria e espaços culturais que, de tempos em tempos, reúnem a velha geração de artistas com a nova safra de músicos locais, o medianeirense Mauro Barbosa se posiciona como um dos músicos mais respeitados compositores do cenário musical paranaense. Sua facanha: músicas simples e melódicas, amplamente conhecidas e cantadas pela cidade, e uma certa introversão, aos braços da humildade. Ao todo, são mais de 200 composições, a maioria produzida nos últimos dez anos. "Algumas eu nem sei direito onde estão", afirma.

Mauro é comprometido com o apuro técnico de seu trabalho e, passo certo, com a construção de vínculos e parcerias, sendo respeitado pelos mais jovens e presença obrigatória nas rodas da velha guarda. "A música entra na corrente sanguínea. No caso da Segunda Autoral, espaço que tenho frequentado mais, o movimento está dando certo porque espontâneo. Os músicos trazem suas composições, seus trabalhos, e são ouvidos semana a semana. Após um certo período, algumas canções passam a integrar o imaginário do circuito". Para ele, a cidade absorveu o movimento de modo natural. "Estamos diante de

um dos períodos mais frutíferos da música local", define.

Mauro veio pra Curitiba em 1973, ainda adolescente, saindo de Prudentópolis. Teve uma vida, desde então, marcada por diversas rotas. Foi durante a faculdade de Administração que começou a tocar em uma banda, onde fazia o que ele chama de efeitos sonoros. Por essa época, também começou a compor. Daí mudou pra Sociologia e, em seguida, tornou-se funcionário público, parando de compor por tempo quase indeterminado. Voltou em idos de 2000. "Estou evoluindo com o trabalho dessa rapaziada".

A simplicidade é uma das marcas das composições de Mauro Barbosa, como em "Ai ai, ai", um de seus principais hits. "Ai ai ai / Ai tanta coisa que aconteceu/ Mas eu vou bem, isso é desejo seu / O tempo voa e vai passando o trem": "A música é uma grande porção da minha vida. Gosto de apresentar as minhas canções, de vê-las cantadas por outros músicos, que geralmente cantam e tocam melhor do que eu, conciliar letra e harmonia da melhor forma possível, já que não sou um exímio instrumentista. Tenho preocupação filosófica ao escrever", completa.

facebook.com/maurobarbosaoficial



#1276 DO RABO PRESC

Conversa grampeada, ao cellular do nobre deputado, mostra o quanto depende elle da acção dum pae-de-sancto, a cuja protecção quer appellar:

"Querido, você tem que me adjudar! Preciso dessa grana, cara!" E tanto insiste, que responde "Eu lhe garanto!" o bruxo do Congresso, ao desligar.

Consegue o que queria o deputado: embolsa a commissão! Mas, em seguida, sentindo dor no cu, será internado.

De câncer morrerá! Mais succedida foi minha maldicção! Ladrões, cuidado! Ganhar dinheiro sujo custa a vida!

Escuta telephonica alguem grava, que vaza pela imprensa e compromette politicos safados. Se repete a scena dum cacique que conchava:

"Não! Quero grana viva! Quem me lava o caixa dois prefere assim! Punhete dahi, que eu daqui gozo no boquete! No bolso, garantida, eu compto a fava!"

A mídia repercute a chula falla e o nobre senador, probo e sisudo, se explica: "Irregular é quem propala!"

Em scena, um advogado embarga tudo: "Não vale a prova! Grampo, nem na sala de estar do mafioso mais graúdo!"

GLAUCO MATTOSO

Desejo Esfarpado

"Só sei que estou mexido. Alguma coisa dentro de mim se desestruturou ou se estruturou de forma desconhecida. Só sei que não sou mais o mesmo. As pancadas no peito doem na garganta. Trabalhou meio distraído até as dezesseis horas. Desamparo. Desconsolo. Sabia estar entrando numa floresta na qual nunca havia entrado e não tinha a mínima noção de como se comportar nesta geografia totalmente nova" (VENTURELLI, 2015, p. 14)

Passados mais de cem anos da publicação de O bom crioulo, a literatura paranaense continuava sem um romance que abordasse a homoafetividade a fundo. Madrugada de farpas, último livro de Paulo Venturelli, visa a suprir essa nossa lacuna. O pano de fundo da narrativa é Curitiba, apresentada pela perspectiva de dois graduandos de Letras, Israel e Obadiah. Venturelli capta com precisão o ambiente da Reitoria e dos espaços alternativos do Centro, contrastados com o ar mais paroquial do bairro Santa Felicidade, onde moram ambos os protagonistas.

Filho de ítalo-brasileiros conservadores, Israel é um rapaz de classe média introvertido que encontra na figura de Obadiah, nordestino negro e pobre, um companheiro para quebrar sua solidão. A escolha destes personagens para a formação de um casal amoroso aguça o potencial crítico da obra, uma vez que os diferentes modos como ambos são tratados põem a nu a multiplicidade das práticas discriminatórias de nossa sociedade. A heterenormatividade, assim como outras formas de opressão, desdobra-se de maneira distinta à medida que interage com marcadores sociais como "raça", classe e origem geográfica, sendo por isso

mais frutífero aos grupos subalternos criticar não "a dominação", mas sim as dominações (no plural).

Outra crítica de Madrugada de farpas diz respeito ao ambiente acadêmico da Universidade Federal do Paraná, instituição na qual o autor trabalhou boa parte de sua vida. O retrato do livro é pungente e escancara grandes problemas que, decerto, não são exclusivos da universidade paranaense. Dentre estes, o que nos parece mais agudo é a denúncia da impotência da universidade para mitigar formas de exclusão que perpassam a sociedade. Ao invés de ser um ambiente onde o reconhecimento do igual valor dos seres humanos é promovido, a universidade por vezes serve como instrumento para a postulação de novas hierarquias e discriminações, tais quais a homofobia e o racismo. O livro aponta, assim, para a necessidade de se pensar novos mecanismos de ensino que consigam fazer com que as Humanidades efetivamente colaborem para a criação e sustentação de um ethos democrático, isto é, de um modo de vida coletivo que erige como princípios norteadores a liberdade e a igualdade de todos os cidadãos.

A literatura, em especial, pode colaborar com a promoção de uma faculdade fundamental para a manutenção de um *ethos* democrático: a simpatia, quer dizer, a capacidade de se colocar no lugar de outrem. A pluralização das perspectivas de suas personagens seria, obviamente, um primeiro passo para tanto. Nesse sentido, a iniciativa de Venturelli de dar voz a protagonistas situados nas franjas da sociedade brasileira é bemvinda, quando mais não seja porque

a esmagadora maioria de nossos escritores contemporâneos parece pouco à vontade para criar personagens fora do padrão homem-branco-heterossexual.[1] Evidentemente, para que o leitor brasileiro possa compreender e simpatizar com a perspectiva dos vários grupos sociais que compõem o nosso demos, é necessário, antes de mais nada, que tal perspectiva lhe seja apresentada.

Madrugada de farpas nos apresenta, sobretudo, jovens em conflito com a própria construção cultural em que estão inseridos. Em seus debates e embates, Israel e Obadiah trazem consigo a busca por encaixe em um mundo de quebra-cabeça cujas peças faltantes parecem ter sido perdidas para sempre. São jovens amadurecidos por uma certa antissociabilidade que, ao longo de uma breve existência, digladiam com uma sociedade endurecida pelo medo e pela ignorância face a alteridade.

Optando pela não linearidade, *Madrugada de farpas* deixa a cargo do leitor a montagem da evolução cronológica do romance de Israel e Obadiah. As angústias típicas do primeiro amor gay são evocadas com maestria. Os corpos que se esbarram, os toques trêmulos de prazer, o árduo processo de identificação e de aceitação – são inúmeras as farpas deste desejo, tido como defeituoso ainda para muitos, que Venturelli consegue cruzar dentro de seu romance.

DALCASTAGNÈ, Regina. "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 – 2004". Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no. 26, Brasília, 2005. VENTURELLI, Paulo. Madrugada de farpas. Curitiba: Arte & Letra, 2015.

[1] O modo como a literatura contemporânea brasileira reproduz os padrões de exclusão presentes em nossa sociedade foi bem documentado por Regina Dalcastagnè (2005). Em seu artigo, Dalcastagnè analisa 258 romances publicados, entre 1990 e 2004, pelas editoras brasileiras de maior prestígio e denuncia a baixa diversificação social das suas personagens. Apenas 7,9% das personagens destes romances, por exemplo, são negras (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 45). No caso dos homossexuais, o percentual é ainda mais baixo: 3,9% (ibid, p. 38). Estes percentuais quase se aproximam a zero quando se analisam apenas as personagens protagonistas. Personagens que são negros e gays sequer são computados nos gráficos de Dalcastagnè; é provável que a recusa de nossos escritores em dar voz a personagens com tais características explique a ausência deste dado no artigo.

ROBERTO BOLAÑO

Autorretrato a los veinte años

Me dejé ir, lo tomé en marcha y no supe nunca hacia dónde hubiera podido llevarme. Iba lleno de miedo, se me aflojó el estómago y me zumbaba la cabeza: yo creo que era el aire frío de los muertos. No sé. Me dejé ir, pensé que era una pena acabar tan pronto, pero por otra parte escuché aquella llamada misteriosa y convincente. O la escuchas o no la escuchas, y yo la escuché y casi me eché a llorar: un sonido terrible, nacido en el aire y en el mar. Un escudo y una espada. Entonces, pese al miedo, me dejé ir, puse mi mejilla junto a la mejilla de la muerte. Y me fue imposible cerrar los ojos y no ver aquel espectáculo extraño, lento y extraño, aunque empotrado en una realidad velocísima: miles de muchachos como yo, lampiños o barbudos, pero latinoamericanos todos, juntando sus mejillas con la muerte.

TRAD. LUIZ ABDALA JR.

Autorretrato aos vinte anos

Fui embora, tomei o caminho e nunca soube até onde poderia me levar. Fui cheio de medo Meu estômago revirou e minha cabeça zumbia: creio que era o ar frio dos mortos. Não sei. Fui embora, pensei que era uma pena acabar tão de repente, embora por outro lado escutei aquele chamado misterioso e convincente. Ou você escuta ou não escuta, e eu escutei e quase comecei a chorar: um som terrível, nascido no ar e no mar. Um escudo e uma espada. Então, apesar do medo, fui embora, botei minha bochecha junto a bochecha da morte. E me foi impossível fechar os olhos e não ver aquele espetáculo estranho, lento e estranho ainda que embutido em uma realidade rapidíssima: milhares de garotos como eu, imberbes ou barbados, porém, todos, latino-americanos, juntando suas bochechas com a morte.